

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

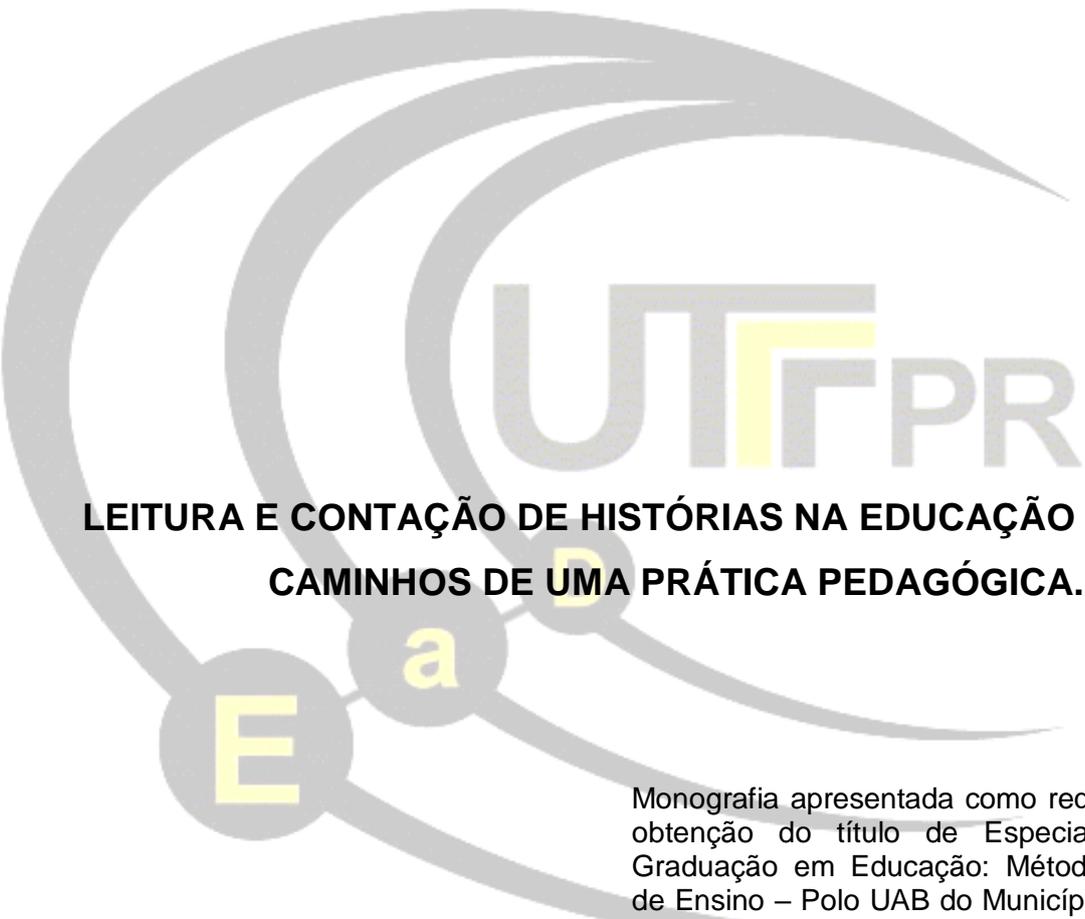
FABRINE BRASIL DA SILVA

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CAMINHOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA
(2018)

FABRINE BRASIL DA SILVA



**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CAMINHOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós-Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de São José dos Campos, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientadora: Prof^ª. Ma. Vanessa Hlenka.

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

Leitura e Contação de Histórias na Educação Infantil: Caminhos de uma Prática
Pedagógica.

Por

Fabrine Brasil da Silva

Esta monografia foi apresentada às **20h do dia 22 de junho de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de São José dos Campos, SP, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Ma. Vanessa Hlenka
UTFPR – Câmpus Medianeira
(Orientadora)

Prof^o. Dr. André Sandmann
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico esse trabalho ao homem mais especial de todo o planeta, que esteve ao meu lado me apoiando e incentivando com sua notável bravura, inteligência e coragem. Gab Buzz eu te amo: ao infinito e além com Jesus!

AGRADECIMENTOS

Ao formidável papel exercido por todos os nossos professores tutores, que foram tão responsáveis pelo nosso desempenho, quanto pelo bom relacionamento que criamos com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Vocês são as peças-chaves por este trabalho, sendo facilitadores do ensino, mediando, orientando, como nossos mestres on-line. Apoiados por muito mais do que competências básicas, sejam pedagógicas, tecnológicas ou de gestão, por competências essenciais, ao nos entregarem todo o talento humano em cada etapa deste curso. A vocês, que foram os protagonistas sociais em nossa vida, viabilizando através da dedicação a inexistência de distância.

Meus especiais agradecimentos, a minha professora Vanessa Hlenka, pela maestria em orientar e me impulsionar na construção de mais do que um Trabalho de Conclusão de Curso, um sonho.

“Como imaginou na sua alma, assim é”.
(ALMEIDA, Provérbios 23:7)

RESUMO

SILVA, Fabrine Brasil. **Leitura e Contação de Histórias na Educação Infantil: Caminhos de uma Prática Pedagógica**. 2018. 44fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Inúmeros avanços tecnológicos alcançaram empresas, instituições filantrópicas, casas e escolas, mas resgatar a valorização de uma prática pedagógica que existe há muito tempo: a leitura e a contação de histórias se fazem necessárias. Considerou-se realizar um estudo de caso numa escola de Educação Infantil pública, Unidade Escolar (UE) na cidade de São José dos Campos, interior do estado de São Paulo, através da sondagem do seu corpo docente, afim de verificar o seu entendimento sobre a necessidade e a importância de ler e contar histórias para crianças com idade entre 02 (dois) a 06 (seis) anos. A fundamentação teórica do presente trabalho, apresentou 03 (três) dimensões sobre o universo literário infantil, a Educação Infantil e a leitura, um “Projeto Especial” da rede estudada e as especificidades da leitura e da contação de histórias. Realizou-se uma pesquisa aplicada com o objetivo de explorar a ação docente, abordando o problema de forma qualitativa. A análise das informações coletadas permitiu o entendimento dos resultados, práticas e expectativas dos respondentes, reconhecida especialmente na última questão, na qual unanimemente consideraram exequível desempenhar suas atividades de uma maneira ainda melhor. Do caminho de uma prática pedagógica, os professores de Educação Infantil incentivados a lerem e contarem mais e mais histórias para as crianças, diariamente. Garantindo o direito de aprendizagem das crianças, com os nutrientes essenciais para o seu desenvolvimento integral, incentivando a imaginação, a criatividade, a criação de novos hábitos, despertando emoções e sentimentos, conduzindo-as para a porta de entrada da literatura infantil. Diante disso, o presente trabalho propõe uma contribuição para os professores de alunos pré leitores, ao correlacionar a necessidade, a possibilidade e a importância de ler e contar histórias na Educação Infantil, bem como sua aplicação como um método e técnica de ensino.

Palavras-chave: Leitura. Contação de Histórias. Educação Infantil.

ABSTRACT

SILVA, Fabrine Brasil. **Reading and Storytelling in Child Education: Paths of a Pedagogical Practice**. 2018. 44fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Numerous technological advances have reached corporations, philanthropic institutions, homes and schools, but they have reaped the value of a pedagogical practice that has existed for a long time: reading and storytelling is necessary. It was considered realize a case study in a School of Public Infantile Education, School Unit (UE) in the city of São José dos Campos, in the state of São Paulo, through the survey of its faculty, in order to verify its understanding on the need and importance of reading and telling stories for children aged between 2 (two) to 6 (six) years. The theoretical basis of the present work presented three dimensions on the literary universe of children, Early Childhood Education and reading, a "Special Project" of the studied network and the specificities of reading and storytelling. An applied research do with the objective of exploring the teaching activity, approaching the problem in a qualitative research. The analysis of the collected information allowed the understanding of the results, practices and expectations of the respondents, especially recognized in the last question, in which they unanimously consider it feasible do their activities in an even better way. From the path of a pedagogical practice, Early Childhood teachers encourage them to read and tell more and more stories to children daily. Guaranteeing children's right to learn, with the essential nutrients for their integral development, encouraging imagination, creativity, creating new habits, arousing emotions and feelings, leading them to the door of children's literature. Therefore, the present work proposes a contribution to the teachers of pre-reading students, by correlating the need, possibility and importance of reading and storytelling in Early Childhood Education, as well as its application as a teaching method and technique.

Keywords: Reading. Storytelling. Child Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – As diferenças de Leitura e Contação de História.	18
Quadro 2 – Classificação da Pesquisa Científica.	24
Gráfico 1 - Perfil dos Respondentes Quanto ao Sexo	29
Gráfico 2 - Perfil dos Respondentes Quanto a Escolaridade	30
Gráfico 3 - Perfil dos Respondentes Quanto a Idade	31
Gráfico 4 – Leitura e Contação de Histórias são a Mesma Coisa?	31
Gráfico 5 – Grau de Importância da Contação de Histórias	32
Gráfico 6 – Grau de Importância da Leitura	33
Gráfico 7 – Frequência Semanal da Prática de Contação de Histórias em Sala de Aula.....	33
Gráfico 8 – Frequência Semanal da Prática de Leitura em Sala de Aula	34
Gráfico 9 – História Preferida da Turma	35
Gráfico 10 – Organização do Tempo Didático para a Leitura na Educação Infantil	36
Gráfico 11 – Competências Específicas para Trabalhar a Leitura e Contação de Histórias na Sala de Aula	37
Gráfico 12 – Competências Específicas para Trabalhar a Leitura e Contação de Histórias na Sala de Aula	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LEITURA	12
2.2 A SALA DE LEITURA INTERATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
2.3 A LEITURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
3.1 LOCAL DA PESQUISA	20
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	21
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA – CENÁRIO DA PESQUISA.....	23
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	24
3.5 ANÁLISES DOS DADOS	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES.....	27
4.2 QUESTÕES ESPECÍFICAS.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE.....	42

1 INTRODUÇÃO

Ler e contar histórias são processos de mão dupla entre sujeitos. Como professores, entende-se que é necessário que nossas intencionalidades pedagógicas possam convergir, afim de garantir presença da leitura e da contação de histórias em sala de aula. Embora sejam instrumentos parecidos, suas práticas geram muitas dúvidas sobre “o que, como e quando” ler e contar histórias. Conhecer quais práticas pedagógicas corroboram para a imersão da criança no universo literário, tornam se fundamentais num tempo onde a tecnologia e o avanço da internet alcançou casas e famílias de todos o mundo, chegando inclusive nas crianças em idade pré-escolar.

O intuito é compartilhar as descobertas geradas pelo movimento da pesquisa, com reflexão e conhecimento do universo literário infantil, focando especificamente na dicotomia da leitura e contação de histórias na Educação Infantil, sobretudo quais caminhos percorrer para alcançar o êxito nessa prática pedagógica.

Para que este objetivo fosse alcançado, o presente trabalho, após fundamentação teórica, utilizou-se de um estudo de caso, através de um questionário de perguntas fechadas para 11 (onze) professores da Unidade de Ensino (UE) estudada. Dessa forma, essa pesquisa qualitativa, busca analisar a unidade a ação docente nas salas regulares sobre o tema, realizada no município de São José dos Campos.

Atualmente, São José dos Campos conta com 49 escolas de Ensino Fundamental e 105 de Educação Infantil, considerando unidades diretas e conveniadas, segundo dados da Prefeitura Municipal de São José dos Campos. A pesquisa nasce a partir, dos desafios contemporâneos oriundos do chão de sala de aula, no questionamento diário da rotina de uma fase, na qual a criança descobre o mundo que a cerca, e onde o ato de ler e contar histórias, estimula e auxilia o desenvolvimento da criança. Amarilha (2001) afirma que sua relevância na educação Infantil se deve ao fato de que propiciam o desenvolvimento da imaginação, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos e socialização nas crianças.

Num tempo, onde integrou-se no planejamento anual de todas as escolas municipais de São José dos Campos, um “Projeto Especial” dedicado a literatura infantil, para um público pré-leitor, com alunos entre 02 (dois) a 06 (seis) anos. Este projeto iniciou-se de forma efetiva no ano de 2015 na cidade de São José dos Campos-SP, como uma maneira do município trabalhar de forma comum a literatura infantil. O programa conta com um professor I (com habilitação para o magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil) atuando como polivalente nos níveis de ensino existentes na Unidade Escolar de lotação que atua, com a frequência de 02 (duas) horas-aula em cada sala de aula.

Afim de capacitar a equipe docente atuante no “Projeto Especial” realizou-se encontros mensais com todos os participantes, divididos em dois períodos: manhã e tarde. Numa fase ainda embrionária, o programa contava com as orientações da Matriz Curricular do município, do Eixo de Linguagem Oral e Escrita. Assim, as orientações pedagógicas eram interpretadas por cada docente, a partir de um único documento que contemplava um Eixo de Aprendizagem, sem considerar as especificidades de cada escola, nível de ensino, turma de alunos e de cada professor atuante.

Outra questão bastante discutida na Rede Municipal, era de quem deveria ser o trabalho com leitura e contação de histórias. Durante os 02 (dois) anos que se seguiram, após a implantação do “Projeto Especial de Sala de Leitura Interativa”, percebeu-se que o universo literário infantil, ficou reduzido quanto a organização do tempo didático, ao professor da Sala de Leitura. Assim, em formações específicas na Unidade Escolar estudada, discutiu-se bastante sobre como resgatar a dimensão plena, que os livros, a imaginação, as histórias, as narrativas devem ter não apenas na Sala de Leitura Interativa, mas também nas salas de aulas regulares.

Surgiram então, questionamentos como: O que faremos para aproximar as crianças dos livros? Que estratégias utilizar para contar histórias?, Ler é a mesma coisa que contar histórias?

Diante disso, o presente trabalho propõe uma contribuição para os professores de alunos pré leitores, ao correlacionar a necessidade, a possibilidade e a importância de ler e contar histórias na Educação Infantil, bem como sua aplicação como um método e técnica de ensino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LEITURA

Pode-se dizer que, para aprender a ler e a escrever, isto é, para que uma criança incorpore sua língua materna enquanto leitor e escritor competente, será preciso memorizar letras, sílabas, palavras e até normas gramaticais. Porém, mais do que isso, é necessário que o indivíduo receba o maior número de estímulos constante, estando exposto e interagindo, motivado pelas vivências e leituras que o meio lhe oferece. Esta exposição e interação acontece entre os sujeitos que leem e contam histórias, ao mesmo tempo para que aquele que as ouvem. Silva (2012, p. 06) escreve que:

É função do adulto proporcionar a criança o contato com as “gostosuras” da narrativa, do ato de ler, tendo em vista que “a literatura infantil não chega as crianças muito pequenas sem a mediação do adulto, seja um familiar ou professor. Ler para crianças não alfabetizada é estimulá-las na sua futura leitura e escrita, desenvolvendo nela o valor da oralidade, a importância da linguagem oral”.

Um dos objetivos da escola sempre foi formar cidadãos capazes de “ler o mundo”, produzindo discursos, orais ou escritos, adequados à diferentes situações enunciativas, compreendendo o que está escrito e o que está subentendido, numa leitura que consegue selecionar conteúdos, inferir interpretações e antecipar significados nos mais variados gêneros de textos.

Para transformar nossas crianças em leitores competentes, como queremos ou desejamos, precisamos superar a concepção escolar da leitura como objeto de ensino, cujo aprendizado inicial se resume a converter letras em sons, acreditando que a compreensão será consequência natural dessa decodificação.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 53)

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc.

A leitura e a contação de histórias não são simples práticas escolares, mas sim um processo desencadeado pela vontade ou necessidade do leitor de compreender os textos que estão a sua volta e no prazer de ouvir o outro, estreitando o relacionamento de quem lê e conta histórias para aquele que ouve, numa interação que estabelece e aproxima os sujeitos. Nesse processo que envolve um trabalho ativo de construção de significados, é importante considerar as ações que guiarão esse leitor e, formação em sua leitura, para que seja possível a partir desse processo, a construção de um significado ou mesmo da compreensão total do que foi lido.

O verdadeiro leitor é aquele que busca entender o que está escrito, mobilizando tudo o que sabe sobre a língua: o sistema de escrita, as características do gênero, o suporte ou portador do texto, o assunto ou tópico e sua época.

Considerando a Educação Infantil a porta de entrada da criança para sua vida escolar, faz-se necessário conhecer esse cenário que diariamente recebe os futuros leitores competentes. Qual a frequência da leitura e da contação de histórias em sala de aula? Diante de um público pré leitor existem práticas pedagógicas que oportunizem esse momento? Quais as contribuições da literatura infantil na vida escolar?

Diante desses questionamentos, e da certeza que ler, vai muito além de decodificar palavras de um texto, é importante repensar quais caminhos levam à uma prática pedagógica de profunda compreensão da vida e do mundo, possibilitados pela leitura e contação de histórias na Educação Infantil?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, promulgada em dezembro de 1996, estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a seis anos e a educação. No título III, Do Direito à Educação e do Dever de Educar, art. 4º, IV, se afirma que: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”. Tanto as creches para as crianças de zero a três anos como as pré-escolas, para as de quatro a seis anos, são consideradas como instituições de educação infantil. A distinção entre ambas é feita apenas pelo critério de faixa etária.

A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, que deverá oferecer às crianças: o educar, o cuidar, o brincar, a interação, a se desenvolverem em situações orientadas de aprendizagem significativa,

considerando os conhecimentos prévios, buscando soluções e resoluções de problemas, numa aproximação das práticas educativas com as práticas sociais reais.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), o trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente “[...] cabendo ao professor trabalhar com conteúdo de naturezas diversas que abrangem desde cuidado básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas de conhecimento”. (BRASIL, 1998).

Considerando a inserção das crianças pequenas no processo de escolarização, e também se atribuiu ao professor exercer a competência polivalente nos conhecimentos específicos das diversas áreas do conhecimento, o município de São José dos Campos desenvolveu um “Projeto Especial” chamado de Sala de Leitura Interativa em todas as suas escolas, como veremos a seguir.

2.2 A SALA DE LEITURA INTERATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cada Unidade Escolar (UE) municipal da Educação Infantil tem uma Sala de Leitura Interativa que está equipada com projetor interativo, além dos *tablets* para uso dos alunos, para melhoria na qualidade de ensino, garantindo professores específicos para as aulas de Literatura Infantil e Musicalização. A unidade estudada possui um total de 190 (cento e noventa) livros para leitura e contação de histórias no espaço específico da Sala de Leitura Interativa.

Como cita no Regimento Comum das Escolas de Educação Infantil:

Art. 6º. As unidades escolares da Rede de Ensino Municipal (REM) asseguram o princípio democrático de igualdade de condições de acesso e de permanência na escola, de uma Educação Básica com qualidade em suas diferentes modalidades de ensino, garantindo o acesso às novas tecnologias por meio do Programa Escola Interativa, desenvolvidos nas **Salas de Leitura Interativa**, vedadas quaisquer formas de discriminação e segregação.

Dentro da rotina semanal de cada nível de ensino, os alunos têm em sua organização de tempo didático, duas visitas ao espaço da Sala de Leitura Interativa, onde a criança vive situações de aprendizagens orientadas ao despertar do

interesse para a leitura. Busca-se que o professor responsável, realize a organização do ambiente, utilize o projetor interativo e os *tablets*.

Na Rede de São José dos Campos a Sala de Leitura Interativa da Educação Infantil destina-se a desenvolver um trabalho de mediação entre as crianças e as múltiplas linguagens artísticas, a literatura infantil, música, dança e dramatização, privilegiando o conhecimento da cultura geral e regional e a utilização de novas mídias de tecnologia da comunicação.

O processo de escolha e atribuição das aulas da Sala de Leitura Interativa acontece no final de cada ano letivo, em três etapas, sendo a primeira para recondução na unidade escolar de atuação dos professores atuantes no Projeto Especial com avaliação satisfatória, a segunda na unidade escolar de lotação e a subsequente na sede da Secretaria de Educação. Para a escolha na escola de lotação será utilizada a escala de classificação da unidade escolar.

O professor que participar na etapa de atribuição das aulas da sala de leitura interativa na Secretaria de Educação será classificado obedecendo a pontuação obtida na escala de classificação geral da Rede de Educação Municipal, conforme cronograma do Processo de Escolha e Atribuição de Classes e Aulas.

A jornada de trabalho do professor da sala de leitura interativa é de 200 h/a mensais. As atribuições de aulas configuram caráter obrigatório a participação do professor regente em Horário de Trabalho Coletivo (H.T.C.), que é ministrado por uma Orientadora Pedagógica, sendo este membro da equipe de especialista junto a Diretora da Unidade Escolar.

O professor de sala de leitura interativa poderá assumir, como aulas excedentes, até 4 h/a semanais para organização do espaço físico e acervo literário da unidade escolar, mediante interesse do professor e ciência da equipe gestora. É de caráter obrigatório a participação do professor de sala leitura interativa no HTC, manhã e/ou tarde.

Dependendo do número de aulas da unidade escolar o professor assumirá jornada semanal distribuída em um ou dois períodos. O professor que assumir aulas da sala de leitura interativa atuará em substituição na escola onde foi selecionado e terá o tempo de regência de classe na unidade escolar de lotação.

Segundo as orientações do documento o professor que escolher as aulas da sala de leitura interativa ficará vedada a participação nas demais etapas do Processo de Escolha e Atribuição de Classes e Aulas da Secretaria de Educação.

Apesar dos vários recursos midiáticos corroborarem para o estímulo da leitura, não é um fim em si mesmo, pois os momentos de leitura não devem ser restritos ao acesso da criança na Sala de Leitura Interativa. Afinal, de acordo com Fonseca (2012), “a leitura é uma fonte na qual podemos beber para ampliar nossos conhecimentos. Fonte inesgotável com muitos suportes: dicionários, enciclopédias, revistas, folhetos explicativos, livros paradidáticos, jornal, internet e coleções”.

Diante dessa afirmação, considerou-se a importância do trabalho com a leitura e a contação de histórias, do professor e as leituras “saborosas” com seus critérios e escolhas de livros, dos tempos para a leitura e as modalidades organizativas na sala de aula.

2.3 A LEITURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O objetivo do trabalho com leitura na escola deve ser de formar leitores competentes. Entende-se por leitor competente alguém que sabe selecionar, dentre os textos de circulação social, aquilo que atenda às suas necessidades, que consegue ler não apenas o que está escrito explicitamente, mas também o que está implícito. Além disso, o leitor competente deve conseguir estabelecer relações entre o texto que lê e outros textos já lidos (BRASIL, 1997, p. 53).

Considerando ainda, o universo da formação do leitor competente, é importante considerar que as crianças tenham sua aprendizagem inicial na literatura infantil com acessos a textos para poder aprender a ler. São através dos atos de leitura significativa, considerando leitura e contação de histórias que a criança aprenderá a ler, garantindo diversidade de gêneros textuais, oferecendo uma iniciação satisfatória no processo de aprendizagem da leitura.

O mundo da história possibilita estender a experiência da criança de tal forma que, por meio dele, ela passa a saber o que esperar das pessoas e lugares sem ter que se preocupar em separar, de forma absoluta, o real do imaginário. Apesar de, às vezes, ficar confusa entre o que é real e o que é inventado, à medida que vai amadurecendo, passa a ver a história não como um retrato do mundo como ele é, mas como poderia ser.

Acredita-se que a qualidade do que se lê é extremamente importante e não pode estar alheia aos interesses da criança. Prática de leitura em voz alta, além de transmissão informal de informações, faz com que mais tarde a criança tenha um melhor desempenho em tarefas de leituras e produção de texto.

O hábito da leitura é adquirido na infância. É importante que os adultos significativos, incentivem o hábito da leitura, fazendo que as crianças sintam prazer desde as primeiras incursões no mundo dos livros. Contudo, torna-se imperativo conhecer a distinção entre o que as crianças aprendem quando lemos e quando contamos histórias para elas. A seguir tem-se o Quadro 1, inspirado nos excertos de Fonseca (2012), do livro “Interações com olhos de ler”:

<p>Quando lemos ...</p>	<p>As crianças aprendem que o que o professor está falando não está saindo da cabeça, da memória ou invenção dele, está registrado e não mudamos o que está registrado. Aprendem para que serve ler, o uso da leitura e da escrita, as relações entre texto e ilustração, as diferentes formas de leitura: em voz alta, compartilhada, para si mesmo, para o outro. Manusear o livro, ordem da leitura (da esquerda para a direita). Entra em contato com o texto escrito, a característica de cada gênero e escritor. Além disso, amplia seu repertório de palavras e expressões, e compreende que as imagens, juntamente com o texto, também contam a história.</p>
<p>Quando contamos histórias ...</p>	<p>Permitimos que elas observem especificidades da linguagem oral, que compreendam a postura do narrador de histórias - a ação dos narradores. Aprendem com a entonação, a fisionomia e o gestual do professor. Descobrem a possibilidade de mudar parte da história, de retirar ou acrescentar algo e aproveita do que fica subentendido e implícito pela própria expressividade. Desperta a curiosidade para a leitura, estimula a criatividade e a imaginação. Ao narrar oralmente, trabalha-se com a memória e o coletivo.</p>

Quadro 1: As diferenças de Leitura e Contação de História.

Fonte: Fonseca (2012).

Abramovich (2011 *apud* SOUZA; BERNARDINO, p. 249) apresenta algumas considerações que o professor que lê e conta histórias pode fazer para promover esse momento:

- 1) Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo;
- 2) Conhecer detalhadamente a história que contará;
- 3) Preparar o início e o fim no momento da contação de histórias e narrá-la no ritmo que a narrativa exige;
- 4) Evitar dimensões imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança;

- 5) Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-o a para o contato com o objeto do livro e, por consequência o ato de ler;
- 6) Saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo.

Conforme Abramovich (2011) escreveu, o melhor instrumento para contar histórias é a voz. É por meio dela que os personagens das histórias ganham vida e habitam o imaginário coletivo das crianças. Contar histórias não é improvisar. É preciso conhecer antes o livro, aprender as emoções que ele vai ou não transmitir. É preciso estar familiarizado com a linguagem, com a pontuação, com as figuras. Conhecendo bem a história, o narrador não corre o risco de ler com dificuldades transformando as histórias em narrativas desinteressantes para as crianças.

O narrador deve criar um “clima” próprio na hora de contar histórias. Deve fazer pausas durante a narrativa, pois pausas respeitam e estimulam o imaginário da criança. O professor deve iniciar a leitura do livro apresentando a capa, o título, o nome do autor, do ilustrador, da editora e se há algum resumo na contracapa ler em voz alta. Esse comportamento leitor auxilia na construção da criança, para que ela possa ir se familiarizando com o mundo da leitura na hora de escolher um livro para ler.

Para conseguir que as crianças leiam e se convertam em leitores interessados e seletivos, não é suficiente apresentá-los com livros ou simplesmente mantê-los perto deles. O exemplo de ler e contar histórias é fundamental para as crianças sentirem a importância da leitura. A leitura compartilhada possibilita um encontro em que as crianças e adultos podem se colocar em diferentes posições e podem conhecer o outro e se conhecer, de acordo com Brandão e Rosa (2011).

É preciso, pois, que haja modelos ou exemplos de leitura no ambiente em geral, para que a criança possa, além de aprender a valorizar esse comportamento, executá-lo por imitação.

Refletir sobre as estratégias para a leitura e a contação de histórias também deve ser considerado na Educação Infantil. Souza e Bernardino (2011) falam sobre as possibilidades de usar recursos lúdicos para esta prática. Dedoches, palitoches, bonecos, tapetes, aventais de histórias etc. Todos eles são excelentes recursos para contar histórias aos pequenos, além disso são estimuladores da imaginação e da

linguagem, facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos (SOUZA; BERNARDINO, 2011)

Em si tratando do critério de quais histórias contar aos pequenos, temos alguns indicadores que podem auxiliar na hora da escolha da leitura e da contação de histórias, mas cabe ao professor descobrir quais autores, gêneros e temas são preferidos por seus alunos. Geralmente, as editoras fornecem catálogos com o nome dos livros e a faixa etária à que se destinam. Sabendo disso, vários profissionais costumam utilizar a tabela da faixa etária e de interesses como ponto de partida em seus trabalhos.

Segundo Coelho (2000), existem algumas características do desenvolvimento infantil na fase “pré-mágica” que devem ser consideradas em se tratando de escolhas das histórias. Conforme a autora, a fase pré-mágica ou do pensamento lúdico, compreende dos 03 (três) aos 07 (sete) anos. Nessa fase, as crianças se encantam com o maravilhoso, o irreal. A realidade assume formas de mistérios e assombro. Nessa fase, são ideais as narrativas curtas: contos de fadas, fábulas simples, histórias mitológicas, histórias de animais que falam, árvores que andam, bruxos, varinhas de condão, histórias repetitivas e acumulativas.

Na fase pré-mágica as crianças preferem histórias curtas, atraentes e que possam ter relação com sua vida social. Repetições e ritmos atraem muito as crianças dessa fase. Essas histórias permitem que as crianças possam relacioná-las com o processo de desenvolvimento pelo qual a criança passa. Mas a medida que vão evoluindo na linguagem, elas vão exigindo histórias mais longas e com maior variedade de assuntos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa escolheu-se o método qualitativo em razão da profundidade pretendida nos dados coletados e da complexidade e particularidades de cada situação. De acordo com Richardson (1989, p. 39):

[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Em sua forma de abordar o problema, este trabalho se classifica como qualitativa, considerando que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito que não pode ser transformada em números. De acordo com Minayo (2000, p. 21):

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis.

Cavalcanti (1995) completa que “o método de pesquisa qualitativa propõe que o investigador veja através dos olhos dos atores sociais que o integram, e dos significados que estes atribuem às situações sobre as quais agem” (p. 287). Como procedimento foi utilizado o estudo de caso que, segundo Leffa (2008) é um dos instrumentos mais antigos de pesquisa e de acordo com Yin (2001), trata-se de uma investigação empírica que busca averiguar um fenômeno dentro do seu contexto real.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

O local da pesquisa, é a cidade de São José dos Campos, no interior do Estado de São Paulo, no Vale do Paraíba. Atualmente a cidade conta com 49

escolas de ensino fundamental e 105 de educação infantil, considerando unidades diretas e conveniadas, segundo dados da própria Prefeitura Municipal de São José dos Campos. No entanto, procurou-se estudar o caso de uma Unidade Escolar específica, pela possibilidade de se investigar os fenômenos na medida de sua ocorrência, com íntima interferência do pesquisador, uma vez que o mesmo é professor atuante deste “Projeto Especial”. Delimitando o local de pesquisa, possibilita-se ainda, a compreensão de um ou diversos eventos, desenvolvendo, ao mesmo tempo teorias gerais quanto aos aspectos e fenômenos observados.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Esse trabalho utilizou o estudo de caso, definido por Gil (1999) como “[...] um estudo profundo e exaustivo de um ou pouco objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante outros tipos de delineamento”.

Para Yin (2003, p. 25), a utilização do estudo de caso como uma estratégia de pesquisa deve levar em conta três aspectos: tipo de pesquisa proposta, extensão de controle que o pesquisador tem sobre eventos comportamentais efetivos e grau no enfoque em acontecimentos históricos em oposição à acontecimentos contemporâneos.

A escolha pelo delineamento do estudo de caso ocorreu em razão da autora ter como um dos problemas de pesquisa encontrar um caminho de uma prática pedagógica para a leitura e contação de histórias na Educação Infantil. Sendo assim, pode-se atingir uma maior profundidade nas informações e ter uma base mais sólida para o alcance do objetivo principal desta pesquisa, que é a aplicação de métodos e técnicas de ensino que correlacionem a necessidade, a possibilidade e a importância da criança ao universo literário.

A coleta de dados realizada pela observação permitiu conseguir informações, para examinar as práticas pedagógicas utilizadas na “hora da história” dentro da rotina semanal. A observação é o ponto de partida de toda investigação social, e sua aplicação de forma não-estruturada viabilizará um repensar da adição de recursos

que aproximam as crianças dos livros, e que assim construa-se um caminho para o delicioso hábito de ler.

Destacamos a utilização da pesquisa ação, na medida em que tanto a autora deste trabalho quanto os respondentes participaram do processo, tendo sido dessa forma, uma construção eficaz.

A utilização de pesquisa-ação neste trabalho baseia-se na indicação de Almeida (2004, p. 70) segundo o qual:

A metodologia de pesquisa-ação é um instrumento pouco utilizado na administração, mas de grande utilidade para trabalhos acadêmicos, que procurem criar o conhecimento através da interação entre pesquisador e pesquisado. A interação do pesquisador, que conhece o fenômeno a ser estudado academicamente [...] permite a alteração de rumo, onde as ideias a serem pesquisadas, inicialmente, podem mudar ao interagir com a realidade.

Dessa forma, recolher e registrar os fatos da realidade, para finalmente sensibilizar a questão do valor do universo literário na Educação Infantil, apresentando caminhos e sugestões para o emprego mais eficaz das descobertas geradas pelo desenvolvimento da pesquisa, é o que se objetivou alcançar através dessa coleta de dados.

Para a adoção de um modelo aplicável de leitura e contação de histórias, faz-se necessário conhecer um pouco da Educação Infantil bem como o Projeto Especial de Sala de Leitura Interativa em São Jose dos Campos. Identificar a frequência em sala de aula regular da leitura e contação de histórias e analisar algumas das práticas pedagógicas do universo literário infantil.

O fazer cotidiano das escolas traz, na sua essência, a importância do investimento em estratégias de ensino e aprendizagem eficazes. Contudo, é através do acesso à leitura que as possibilidades se abrem aos nossos alunos, e é aí que se encontra a complexidade desta empreitada. Contudo, é na escola que dispomos de um espaço privilegiado para a literatura, pois através de histórias e mais histórias, adentramos as crianças a sua possibilidade de cidadania, independência e autonomia.

Avaliar o retorno futuro dos investimentos intangíveis, entrega nas mãos dos professores a possibilidade de ampliação de sua visão, para o entendimento e comprometimento de sua ação docente.

No Quadro 02 são apresentados a classificação da pesquisa científica:

Natureza	
Pesquisa básica	
Pesquisa aplicada	✓
Objetivos	
Pesquisa exploratória	✓
Pesquisa descritiva	
Pesquisa explicativa	
Pesquisa normativa	
Métodos	
Experimento	
Estudo de caso	✓
Pesquisa-ação	✓
Abordagem e Problema	
Pesquisa quantitativa	
Pesquisa qualitativa	✓
Pesquisa combinada	

Quadro 2: Classificação da Pesquisa Científica.
Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA – CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de São José dos Campos, no interior do Estado de São Paulo. Localizado no Vale do Paraíba, abrangendo uma área total de 1.099,6 Km de extensão, sendo 353,9 Km de área urbana e 745,7 Km de área rural. Faz divisa com outros municípios de pequeno porte como: Jacareí, Taubaté e Caçapava. O município se encontra numa posição privilegiada, pois está posicionada de forma estratégica entre dois maiores mercados do país, há 97 Km de São Paulo e 343 Km do Rio de Janeiro.

Segundo o Censo Demográfico (IBGE, 2017), a cidade tem cerca de 703.219 habitantes. Possui uma média de 3,32% de média de moradores por

domicílio, com um crescimento anual de 1,57%. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,807. Ainda conforme o IBGE, sua taxa de escolarização de 06 a 14 anos de idade é de 97,4%. Tendo 4.098 docentes no Ensino Fundamental e 1.722 docentes no Ensino Médio, porém o número de professores atuantes na Educação Infantil não foi mensurado.

São José dos Campos é a maior cidade industrial no Vale do Paraíba, com indústrias de grande, médio e pequeno porte, com participação de 51,16% de trabalhadores formais na indústria, 48,64% em serviços e 0,20% na agropecuária. A cidade conta ainda, com uma alta densidade de profissionais da área de Educação e Pesquisa e possui importantes Instituições do Ensino Superior, como Instituto Tecnológico Aeroespacial (ITA), o Centro de Técnico Aeroespacial (CTA), entre outras Instituições do ensino privado. A prefeitura municipal firmou uma importante parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), oferecendo para a cidade cursos de graduação e pós-graduação com exponenciais Instituições, entre elas a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados segundo Yin (2003), pode ser feita a partir de muitas fontes de evidências: documentação, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos. Duas fontes de evidências serão utilizadas nesse trabalho: documentação e entrevista com questionário de perguntas fechadas. Para a documentação foram considerados: o Regimento Interno da Instituição, Anexos do Regimento Interno, Projeto Político Pedagógico (PPP), Livro Atas de Reunião Pedagógica, Documentos Administrativos e Prontuário dos Respondentes Entrevistados.

Inicialmente foram pesquisados os docentes da Unidade Escolar (EU) estudada, compondo uma mostra de 11 respondentes. A UE, tem seu corpo docente distribuído entre dois períodos de aula: Manhã (das 07:00h às 12:00h) e Tarde (das 12:45h às 17:45h).

Esses respondentes pertencem a uma faixa etária que varia entre 37 a 58 anos de idade, com uma média de 46 anos de idade e sendo 10 (dez) mulheres e 01

(um) homem. Esse quadro é composto por 09 (nove) profissionais pós graduados e 02 (dois) graduados.

Buscou-se primeiramente, definir perfil dos respondentes por meio de entrevista pessoal, acompanhada de um roteiro estruturado, com a utilização de um questionário de perguntas fechadas com um total de 10 (dez) perguntas. Posteriormente, realizou-se a análise documental e a observação afim de entender as práticas e as contribuições que são utilizadas como estratégias de ensino pelo grupo estudado - os docentes.

O levantamento por meio do questionário (Apêndice A) possibilitou um maior aprofundamento do trabalho. A escola estudada consta com um quadro de 60 (sessenta) funcionários, entre eles, equipe gestora (01 diretora e 01 orientadora pedagógica), administrativa, limpeza, manutenção e zeladoria e pedagógico. Embora, a Instituição tenha 36 (trinta e seis) anos de fundação, na última década apresenta uma transição anual de seus recursos humanos, especialmente no tocante ao pedagógico. Nesse sentido, para facilitar a participação, a autora estabeleceu com a Unidade Escolar (UE) pesquisada um acordo de **não identificá-la** neste trabalho de conclusão de curso.

3.5 ANÁLISES DOS DADOS

Buscou-se primeiramente, definir os indicadores das práticas pedagógicas atuais, por meio de entrevista pessoal, acompanhada de um roteiro estruturado, com a utilização de um questionário de perguntas fechadas.

A análise dos dados coletados deu-se por meio da comparação com o levantamento bibliográfico apresentada na fundamentação teórica deste trabalho, buscando mostrar a necessidade da leitura e contação de histórias na Educação Infantil dentro da realidade pesquisada. Os dados coletados também foram analisados pela autora desta pesquisa-ação, a fim de entender as práticas e as contribuições que são utilizadas como estratégias de ensino pelo grupo estudado - os docentes.

A escolha pela pesquisa-ação ocorreu em razão da autora desse trabalho ter como um dos problemas de pesquisa descrever a possibilidade de ler e contar

histórias para crianças de 02 a 06 anos e pela participação tanto da autora quanto aos respondentes participarem do processo como docentes da unidade escolar apresentada.

Segundo Barros e Lehfel'd (2007) “neste tipo de pesquisa, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados [...] a participação dos pesquisadores é explícita dentro da situação da investigação”.

Para a análise e tratamento dos dados a pesquisa posicionou-se com a abordagem de caráter exploratório, dentro do seu contexto real. Os dados levantados foram apresentados em Gráficos, seguidos das discussões.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão dos dados coletados foram analisados a partir das 10 (dez) perguntas fechadas, disponibilizado o modelo da Coleta de Dados no Apêndice A, deste trabalho. Foram distribuídos aos 11 (onze) respondentes da escola estudada. O tempo para resposta foi livre e a auto identificação dos formulários como caráter opcional e facultativo, sendo unânime a decisão dos respondentes em manter-se anônimos. Foi escolhido para fins de apresentação dois tipos de gráficos, no primeiro demonstramos a distribuição quantitativa, sempre identificado no início da legenda pela letra “A” e ao lado o gráfico de distribuição percentual “B”, tomando a amostra como um todo, ou seja 100% (cem por cento).

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

Os participantes da pesquisa são docentes da Unidade Escolar (UE), no total foram 11 (onze) professores. No Gráfico 1 estão apresentadas as respostas dos participantes da pesquisa em relação ao sexo.

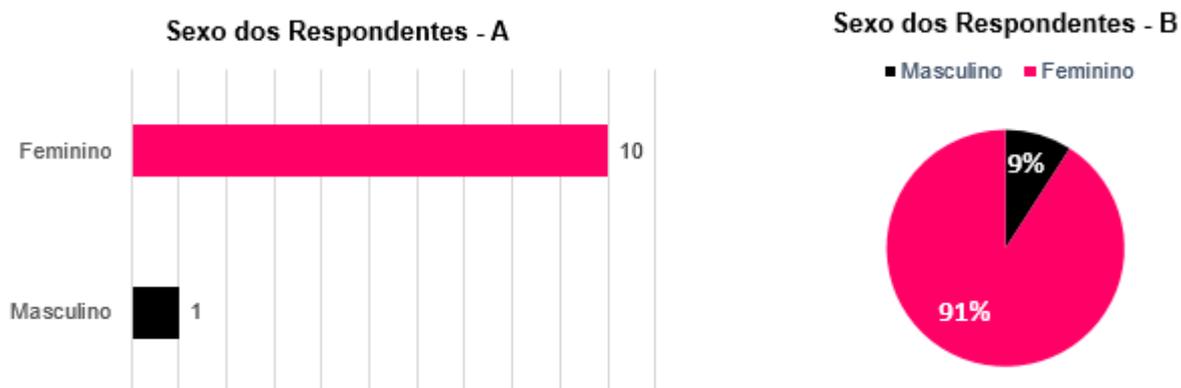
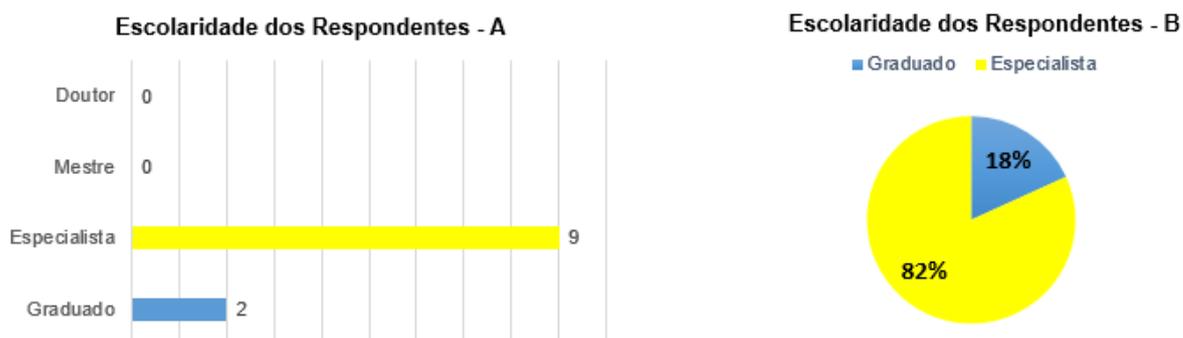


Gráfico 1: Perfil dos Respondentes Quanto ao Sexo – Gráfico de Distribuição Quantitativa (A) e Percentual (B).

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

De acordo com os dados representados no Gráfico 01, observa-se que há mais mulheres que homens na escola estudada. As mulheres representam 91% enquanto os homens apenas 9% no total do quadro de docentes da escola.

Em relação ao nível de escolaridade dos respondentes, os dados levantados encontram-se representados no Gráfico 2.



**Gráfico 2: Perfil dos Respondentes Quanto a Escolaridade - (A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).
Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.**

Conforme dados levantados, representados no Gráfico 2, constata-se que 09 (nove) profissionais possuem especialização em nível Lato Sensu, e 02 (dois) respondentes possuem apenas a graduação, tendo então uma amostra de distribuição de 82% de professores especialistas para 18% de professores graduados na UE estudada. Infelizmente, a Unidade Escolar não consta ainda com nenhum professor com titulação de Mestre ou Doutor.

Ainda em relação ao perfil dos entrevistados, perguntou-se a idade dos professores. A idade mais encontrada na pesquisa está compreendida entre 37 e 58 anos, sendo a média de 46 anos. Da amostra total 18% correspondem a faixa de idade entre 31 a 40 anos, 36% correspondentes a faixa entre 41 a 50 anos e 46% entre 51 a 60 anos, conforme descritos no Gráfico 3.

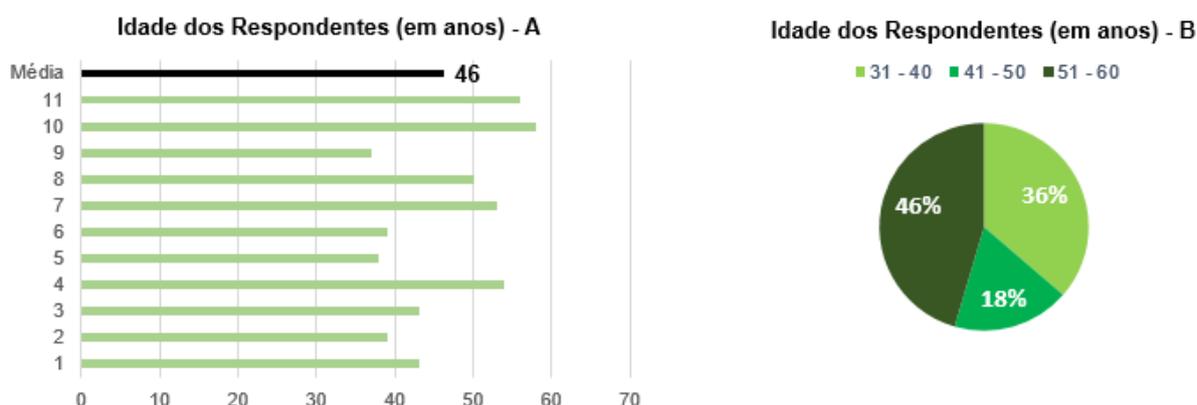


Gráfico 3: Perfil dos Respondentes quanto a Idade – Gráfico de Distribuição Quantitativa (A) e Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

4.2 QUESTÕES ESPECÍFICAS

Na parte específica do questionário, na primeira questão perguntou-se aos docentes, para você, a leitura e a contação de histórias são a mesma coisa? O resultado levantado encontra-se representado no Gráfico 4.



Gráfico 4: Leitura e Contação de Histórias são a Mesma Coisa? (A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

Como nos mostra no gráfico A, temos o apontamento para a distribuição quantitativa de 07 (sete) respondentes afirmaram que consideram as duas estratégias como iguais, em relação a 04 (quatro) negativas. No gráfico B, temos a distribuição percentual de 36% da amostra, que discordam que leitura e contação de

histórias sejam a mesma coisa, isto deflagra que a cada três professores dois não reconhecem a diferenças existentes entre as duas, embora sejam práticas distintas, embora suas interações contribuam efetivamente para o processo de promoção da aprendizagem dos alunos.

Na questão 2, os professores foram questionados sobre o grau de importância da contação de histórias, os dados levantados encontram-se expressos no Gráfico 5.



Gráfico 5: Grau de Importância da Contação de Histórias - (A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

Dos 11 (onze) respondentes, 02 (dois) consideram a prática pedagógica como algo importante, 09 (nove) como muito importante, correspondendo a 82% do total, contra 18% classificando como importante.

Segundo Machado (2004), a atividade de contar histórias constitui-se numa experiência de relacionamento humano que tem uma qualidade única e insubstituível. Nesse sentido, constata-se que as interações que se tem com crianças de Educação Infantil promovem habilidades socioemocionais, e legitimam seu ambiente alfabetizador.

Considerou-se na questão 03, investigar o grau de importância que cada professor atribuiu a leitura. O resultado desse questionamento encontra-se apresentados no Gráfico 6.

Dos 11 (onze) respondentes, 01 (um) considerou a prática pedagógica como algo importante, 10 (dez) como muito importante, correspondendo a 91% do total, contra 9% classificando como importante.

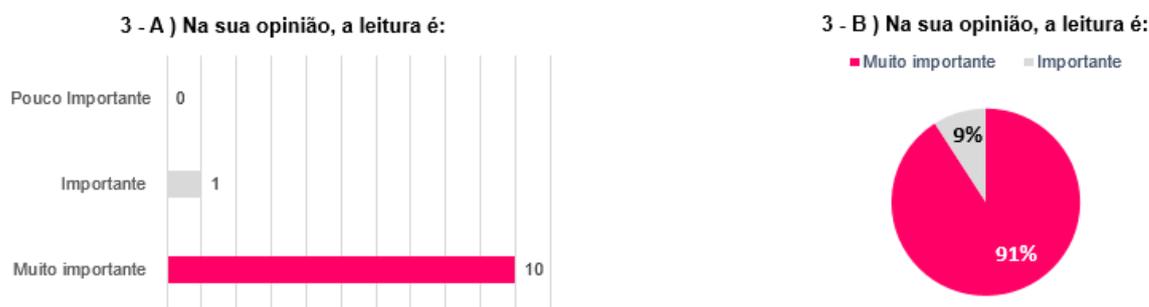


Gráfico 6: Grau de Importância da Leitura - (A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

É sabido, que o professor tem papel importantíssimo na aquisição da competência leitora do aluno, conforme citou Fonseca (2012), especialmente por ser um adulto significativo que serve de modelo para a criança, se sociabiliza com a criança diariamente.

Questionou-se aos professores sobre a frequência semanal da prática de contação de histórias em sala de aula. O Gráfico 7, ilustra as respostas dos entrevistados para esse questionamento.

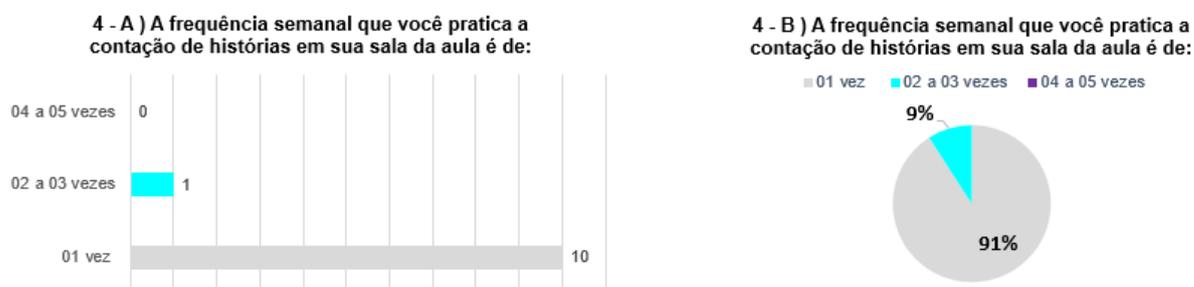


Gráfico 7: Frequência Semanal da Prática de Contação de Histórias em sala de Aula -(A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

Conforme os dados no Gráfico 7, percebe-se que a frequência semanal que cada professor da escola estudada pratica em relação a contação de histórias dentro da pesquisa é de 02 a 03 vezes na semana por 01 (um) sujeito e de 01 (uma) vez na semana por 10 (dez) sujeitos. No tocante a dados percentuais, constata-se que 9% do grupo tem a frequência compreendida entre 02 a 03 vezes na semana, para 91% que contam histórias 01 (uma) vez na semana, e nenhum sujeito apontou a presença diária dela em seu planejamento semanal.

A presença da contação de histórias na Educação Infantil, e especificamente com uma frequência diária colabora para a construção da oralidade, da escrita, incentiva a criança a buscar o livro referenciado na contação, trabalha a criatividade, a expressividade, a atenção e a memória. Segundo Bettelheim (2015), contar histórias para as crianças lhe fornecem um profundo apelo positivo, com soluções corretas e alcançam seus problemas íntimos por meio do simbolismo presente na narrativa.

Seguindo os questionamentos foi perguntado sobre a frequência semanal da prática da leitura em sala de aula. As respostas levantadas encontram-se representadas no Gráfico 8.

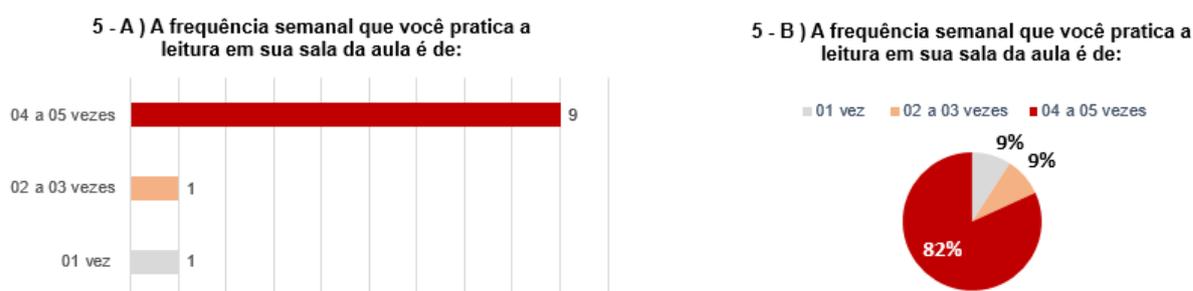


Gráfico 8: Frequência Semanal da Prática de Leitura em Sala de Aula - (A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

Conforme análise dos dados no Gráfico 8, percebe-se que a frequência semanal que cada professor da escola estudada pratica em relação a leitura dentro da pesquisa é de 02 a 03 vezes na semana por 01 (um) sujeito, de 04 a 05 vezes na semana por 09 (nove) sujeitos e de 01 (uma) vez na semana por 01 (um) sujeito. No tocante aos dados percentuais, constata-se que 9% do grupo tem a frequência compreendida entre 02 a 03 vezes na semana, de também representativos 9% a frequência de 02 a 03 vezes na semana, para 91% dos que leem diariamente em sua sala de aula. Nesse sentido, concordo com Fonseca (2012) quando afirma que a “leitura é uma atividade permanente na Educação Infantil, e que é preciso que se leia diariamente para as crianças”.

Contudo, é fundamental para a construção do comportamento leitor de cada aluno, que ao iniciar uma leitura, seja explicado em voz alta, o momento que se

seguira na rotina diária. Diferenciar o momento com um ritual de abertura, para mostrar que é a “hora da leitura”, cria uma marca e um espaço psicológico na rotina, podendo aqui ao docente recorrer, ao cantinho simbólico da leitura, em geral, espaço encontrado nas salas regulares da Educação Infantil das escolas públicas e privadas.

O Gráfico 9 aponta para as respostas dadas a seguinte questão na coleta de dados: “Qual o tipo de história preferida da sua turma”.



Gráfico 09: História Preferida da Turma - (A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

Considerando que cada respondente é professor regente e polivalente de salas de aulas de uma Unidade Escolar, que tem crianças entre 02 (dois) a 06 (seis) anos, considerou-se pesquisar os seguintes temas e gêneros: Contos de Fadas, Poesias, Lendas e Mitos, Livro Imagem, Fábulas, Histórias em Quadrinhos, Contos Contemporâneos e uma classificação que aborde todos eles, intitulada “todos os diversos tipos”. Contatou-se então, que do grupo analisado, composto por 11 (onze) docentes, 06 (seis) respondentes apontaram para os contos de fadas, com uma amostra de 55% de preferência. Os demais, correspondendo a 05 (cinco) professores, colocaram que a história preferida de sua turma são todos os diversos tipos de histórias, numa porcentagem de 45%. Afim de conquistarmos através das histórias, a produção de discursos, orais ou escritos, adequados à diferentes situações enunciativas, numa leitura que consiga selecionar diferentes conteúdos, inferir interpretações e antecipar significados nos mais variados gêneros de textos, é necessário que se repertorie a roda de leitura diária com a maior diversidade de gêneros literários.

Contudo, conforme citamos na fundamentação teórica, a faixa etária que se compreende este estudo de caso, precisa e deve ser respeitada no desenvolvimento de sua fase pré-mágica, que segundo Coelho (2000), trazem em seu gosto pessoal histórias curtas, atraentes e que possam ter relação com sua vida social.

Foi também questionado os docentes sobre a organização do tempo didático para a leitura na educação infantil, o que é mais importante considerar. No Gráfico 10, tem-se o resultado desse questionamento.



Gráfico 10: Organização do Tempo Didático Para a Leitura na Educação Infantil - (A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).
Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

Conforme afirmou Fonseca (2012), para trabalhar leitura é preciso oferecer tempos para ler e falar sobre leitura. Dessa forma, o Gráfico 10, nos traz a confirmação de que tempo é o elemento mais importante no planejamento da intencionalidade educativa que se propõe sobre leitura. Da amostra total, 08 (oito) respondentes escolheram o fator tempo, com 73% de percentual total perante o grupo, para 02 (dois) representando 18 % que apontaram o espaço como mais importante em sua prática pedagógica de leitura, para 01 (um) sujeito que representa 9% dos respondentes, que colocou a manipulação e preparo dos materiais ser o mais considerável.

Ainda, segundo Fonseca (2012), para garantir a aprendizagem adquirida pela leitura, é necessário que o professor repense sobre o ambiente que será dado a atividade, e que esse “pensar” envolva as composições de espaço, tempo, interações, materiais e sua organização. Rinaldi (2016, p. 237), fala que “o presente mais importante que podemos dar as crianças na escola e nas famílias, é o tempo, porque ele possibilita ouvir e ser ouvido pelos outros”. Nesse sentido, a coleta de

dados comprovou o entendimento nesta dimensão perante o grupo de docentes da escola estudada.

Na pergunta de número oito, questionou-se aos professores quanto as competências para trabalhar a leitura e a contação de histórias na sala de aula, como você se sente. Noventa e um por cento (91%), responderam que sente altamente preparado, conforme ilustra o Gráfico 11.



Gráfico 11: Competências Específicas para Trabalhar a Leitura e Contação de Histórias na Sala de Aula.

(A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

No Gráfico 11 (onze) quantifica um quadro dos 11 (onze) respondentes que ao serem questionados sobre como se sentem ao trabalharem a leitura e contação de histórias na sala de aula, com relação a sua competência específica. Dentre as respostas, nenhum se sente pouco preparado, 01 (um) que representa 9% se sente preparado diante dessas práticas pedagógicas, contra 10 (dez) respondentes que elencarem sentir-se altamente preparados, numa amostragem de 91% de porcentagem.

Para que a leitura aconteça de forma eficaz e com sentido, para que também o hábito de ler e o prazer pelo universo literário faça parte da vida das crianças é necessário um preparo por parte dos profissionais de Educação que perpassse os conhecimentos gerais, e alcance conhecimentos específicos para determinados eixos de aprendizagem como o da Linguagem Oral e Escrita. Por isso, refletir sobre a possibilidade e a necessidade de capacitações específicas e formações que preparem os professores da Educação Infantil sendo ela a porta de entrada do mundo escolar de nossos alunos.

Na questão 09 da coleta de dados, foi perguntado aos docentes: “Dentre as alternativas abaixo, selecione a que você julgue ser a mais importante, para

aprimorar a prática docente”. Apresentou-se então, 03 (três) opções de respostas: atitude, habilidades profissionais e conhecimentos específicos. A resposta desse questionamento encontra-se expressa no Gráfico 12

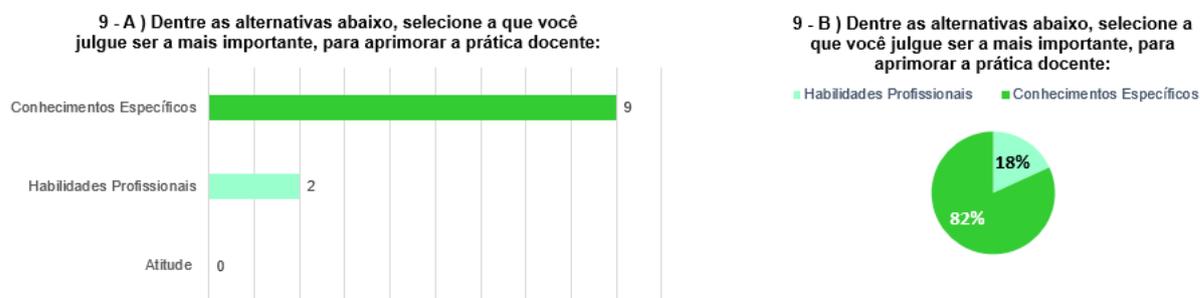


Figura 12: Competências Específicas para Trabalhar a Leitura e Contação de Histórias na Sala de Aula.

(A) Gráfico de Distribuição Quantitativa e Gráfico de Distribuição Percentual (B).

Fonte: Dados de Pesquisa, 2018.

De acordo com as 03 (três) opções de respostas, a primeira foi mais citada “Conhecimentos Específicos”, com 09 (nove) respondentes, e uma representação de 82%, contra 02 (dois) respondentes, para o item “Habilidades Profissionais”, com uma porcentagem de 18%. No último item, “Atitude” não houve nenhum registro de resposta. Para aprimorar a prática docente, tanto os conhecimentos específicos, quanto as habilidades profissionais, como a atitude trazem a regularidade na intencionalidade educativa da leitura e da contação de histórias, pois os alunos deverão perceber esse momento com incentivo, encanto e curiosidade.

Na última questão, contida na coleta de dados, perguntou-se ao grupo estudado: No seu trabalho, você acha que pode fazer o que faz todos os dias ser melhor ainda? Dos entrevistados 11 (onze), responderam que ‘Sim”, busca fazer cada dia melhorar sua prática docente, temos o inédito percentual de 100% dos respondentes abrindo-se para a possibilidade de melhorar o seu trabalho, bem como seus métodos e técnicas de ensino.

Com a coleta de dados realizada permitiu-se conseguir informações, que mostrassem o perfil dos respondentes quanto ao sexo, idade e escolaridade. Encontrou-se também a visão que os docentes da Unidade Escolar (UE) têm sobre os processos de leitura e contação de histórias, bem como o grau de importância dado a elas dentro da rotina semanal de cada respondente. Foi aferido a frequência que ler e contar histórias são contemplados no planejamento pedagógico. Investigou-se o tipo de história preferida, apontado para os “Contos de Fadas”. Para

maior eficiência do trabalho com o universo infantil investigou-se quais aspectos são mais importantes para uma boa organização do tempo didático. Em relação a prática pedagógica os professores foram convidados a refletirem sobre algumas considerações: conhecimentos específicos, habilidades profissionais e atitudes. Finalizou-se a coleta de dados com uma importante questão: “No seu trabalho, você acha que pode fazer o que faz todos os dias ser melhor ainda? ”. Com grande inquietude a unanimidade das respostas, nos conduzem a necessidade de métodos e técnicas de ensino para a leitura e contação de histórias que poderão ser consideradas como um passo inicial para outras pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das informações coletadas permitiu a promoção do atendimento das expectativas dos respondentes, em reconhecer especialmente na última questão da coleta de dados, unanimemente que no seu trabalho, consideram que podem fazer o que fazem todos os dias ser melhor ainda. Isso vai de encontro ao início deste presente trabalho em correlacionar a necessidade, a possibilidade e a importância de ler e contar histórias na Educação Infantil, como um caminho a ser percorrido pelo universo literário infantil.

Conhecer a distinção entre leitura e contação de histórias fez-se necessário diante da constante homogeneidade que se encontra nas salas de aula regulares, para esse momento tão importante da vida da criança, que adentra na Educação pela porta da literatura infantil. Bettellheim (2015, p. 13) afirma que ler e ouvir histórias contadas (contação de histórias) por outros, são meios essenciais de educação. Nesse sentido, podemos acrescentar que a roda de leitura diária é a garantia de levar para as crianças, os nutrientes essenciais para o seu desenvolvimento integral, incentivando a imaginação, a criatividade, a criação de novos hábitos, despertando emoções e sentimentos.

Através dos livros, imagens, histórias, dos recursos lúdicos, de uma voz modulada, de uma expressão facial tão representativa, que se auto apresenta em sua personificação, apresentamos as crianças mais que um método e uma técnica de ensino, apresentamos um “passe de mágica”, uma varinha de condão, que as levarão a um mundo de possibilidades, de construções, de recriações, de desenvolvimento e crescimento para o resto de suas vidas, com uma grande dose de confiança da criança em si mesma e em seu futuro.

Respondendo aos questionamentos iniciais, de “O que fazer para aproximar as crianças dos livros?” ou mesmo “Que estratégias utilizar para contar histórias?”, apresenta-se uma resposta para tudo isso: “Leia e conte histórias para as crianças, utilizando a melhor estratégia de todas: a imaginação”. Assim, apresentaremos a elas o encantado universo paralelo, das leituras e das contações de histórias, considerando ainda, que para muitas crianças, o despertar do gosto literário nasceu ali mesmo, no próprio ambiente escolar, ou talvez, já nas barrigas de suas mães “leitoras e contadoras de histórias”. Contudo invariavelmente, é esse o espaço de

tempo único e perfeito, que se abre para adentrar a porta encantada, de um dos caminhos que poderão ser percorridos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. Gostosuras e bobices. – 5. Edição. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

ALMEIDA, Martinho I. R. Planejamento **estratégico para unidades departamentais da USP**: uma proposta de arquitetura, modelo e condução do processo. São Paulo, 2004. Tese (Livre-Docência). Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis. Vozes, 2001.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. edição. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997 .v2.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza. **Ler e Escrever na Educação Infantil**: discutindo as práticas pedagógicas. – 2. Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. – 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra: 2015.

CAVACANTI, C. (org.) **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995.

COELHO, N. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil.** São Paulo: Blucher, 2012. – (Coleções Interações).

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

Matriz Curricular: Rede de Ensino Municipal de São José dos Campos: Natureza e Sociedade- Educação Infantil, 1. ed., PMSJC- SJCampos, SP, Educação Infantil, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Volume I, Brasília: MEC/ SEF, 1998.**

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 16 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1989.

RINALDI, C. **A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emília.** Porto Alegre: Penso, v. 2, 2016.

SILVA, M. (2012). **A literatura infantil como recursos para a aquisição da linguagem da criança.** Campinas: XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de história como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista Educere et Educare.** Vol. 6, jul. dez. 2011.

YIN, Robert. K. **Estudo de Caso - planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Instrumento para Coleta de Dados

Parte 1: Perfil do Entrevistado

Nome do Respondente: _____(opcional)

Idade: _____ Sexo: _____

Escolaridade: _____

Parte 2: Questões Específicas:

1) Para você, a leitura e contação de histórias são a mesma coisa?

 Sim Não

2) Na sua opinião, contação de história é:

 muito importante importante pouco importante

3) Na sua opinião, a leitura é:

 muito importante importante pouco importante

4) A frequência semanal que você pratica a contação de história em sua sala de aula é de:

 01 vez 02 a 03 vezes 04 a 05 vezes

5) A frequência semanal que você pratica a leitura em sua sala de aula é de:

 01 vez 02 a 03 vezes 04 a 05 vezes

6) Qual o tipo de história preferida de sua turma:

 Poesia Contos de fadas História em quadrinhos Fábulas Livro Imagem Lendas e mitos Contos contemporâneo Todos os diversos tipos

7) A fim de organizar melhor o tempo da leitura na Educação Infantil, o que é mais importante considerar:

 espaço tempo interação materiais variedade de livros

8) Quanto as competências específicas para trabalhar a leitura e a contação de histórias na sala de aula você se sente:

 altamente preparada preparada pouco preparada

9) Dentre as alternativas abaixo, selecione a que você julgue ser mais importante, para aprimorar a prática docente:

atitude habilidades profissionais conhecimentos específicos

10) No seu trabalho, você acha que pode fazer o que faz todos os dias ser melhor ainda?

sim não